

Casas da Moeda da Fachada Atlântica da *Hispania*



INCM

**MUSEU
CASA DA
MOEDA**



Sociedade Portuguesa de Numismática
Fundada em 1952

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U. PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

**REPÚBLICA
PORTUGUESA**

UID/4059/2025

INTRODUÇÃO

No ocidente hispânico, estão identificadas 13 casas da moeda cujas emissões, genericamente, se podem datar entre o século II a. C. e o reinado do imperador Augusto (27 a.C.-14). A produção da maioria destes centros emissores foi pouco significativa, dado que o seu numerário se destinou a suprir as necessidades locais de moeda de baixo valor, o que explica a sua atual raridade. Contudo, deve assinalar-se que foi possível inventariar mais de 3000 peças em bronze e chumbo no âmbito de um projeto de doutoramento em execução.

Na coleção do Museu Casa da Moeda (MCM), foram identificados 37 exemplares oriundos de 7 destes centros emissores — *Brutobriga*, *Dipo*, *Myrtilis*, *Ossonoba*, *Salacia*, *Ebora* e «*emissões da Caetra*», que são o objeto central desta exposição.

Estas emissões monetárias ocorrem em um momento de conquista e romanização da Península Ibérica, processo esse iniciado em agosto de 218 a. C., com o desembarque de Cipião na cidade grega de Ampúrias, que se estendeu a todo o território e terminou com a bem-sucedida guerra desencadeada por Roma contra os ástures e os cântabros (29-19 a. C.). Durante este período de gradual ocupação militar, as populações locais tomaram cada vez mais contacto com o modo de viver romano e se adequaram ao sistema financeiro, passando a utilizar a moeda em operações de intercâmbio corrente até grandes transações.

HISPANIA ROMANA. LOS INICIOS DE LA OCUPACIÓN (DESDE 218 a.C)

- Ciudades romanas
- División administrativa en 197 a.C.
- Zona de ocupación romana



Compilación científica: Mercedes de la Calle Carracedo e Isidoro González Gallego
Atlas Nacional de España (ANE) CC BY 4.0 ign.es
Participantes: www.ign.es/resources/ane/participantes.pdf

HISPANIA ROMANA. GUERRAS CELTÍBERAS Y LUSITANAS (155-133 d.C.)





Ossonoba — Faro, Faro

Baesuris — Castro Marim, Faro

Balsa — Tavira, Faro

Cilpes — Silves, Faro

Ipses — Alvor, Faro

Myrtilis — Mértola, Beja

Salacia — Alcácer do Sal, Setúbal

Brutobriga — Villanueva de la Serena, Badajoz?

Dipo — Guadajira, Badajoz?

Sirpens — Serpa, Beja

Ebora — Évora, Évora

Pax Iulia — Beja , Beja

Emissões da Caetra — NO

Estas cidades produziram moedas (cobre e/ou chumbo) de forma autónoma para suprir a carência de moeda de pequeno valor necessária às trocas do dia a dia, considerando que as emissões romanas de prata em circulação se destinavam ao abastecimento do exército e a facilitar o pagamento/recebimento de impostos e à atividade comercial.





Asse, Cobre, Dipo

N.º Inv.: MCM 285

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda



Asse, Cobre, Myrtilis

N.º Inv.: MCM 271

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda



No mapa seguinte, pode-se observar a localização das sete casas da moeda representadas no acervo do MCM, acompanhado por uma listagem das registadas neste território com a indicação dos topónimos latinos (que para alguns casos, a localização permanece em debate).

Para apresentação das casas da moeda foi adotada uma sequência de ordem geográfica, de sul para norte, assim como a ordenação cronológica (aproximada) da produção monetária em cada um dos centros emissores, que, *grosso modo*, segue a paulatina ocupação romana da *Hispania*.

Neste sentido, começamos com as cidades mais meridionais e com produções do século II a. C., avançando-se, de seguida mais ao centro e norte da Península, em princípio, com emissões mais recentes que chegam ao governo de Augusto, como é o caso do numerário de *Ebora*, *Pax Iulia* e *Caetra*.



Emissões
da Caetra

Dipo

Brutobriga

Salacia

Ebora

Myrtilis

Ossonoba

OSSONOBA (Faro)

Localizado na atual cidade de Faro, este povoado é mencionado por Plínio e Mela que o referenciam como um centro importante de comércio de pescados. Remontam ao século XIX as primeiras escavações realizadas em uma necrópole, por Estácio da Veiga, e, desde então, já se encontraram diversos vestígios romanos, como, por exemplo, um templo, diversos exemplos de arquitetura doméstica, merecendo destaque a *Villa* de Milreu.

De raízes turdetanas — um dos povos pré-romanos mais avançados e comercialmente desenvolvidos do sul da Península Ibérica —, Ossonoba teve origem num povoado do século IV a. C., mantendo uma ocupação contínua desde a chegada dos romanos até ao século V. Em vários locais da cidade foram descobertas moedas de Ossonoba que se destacam por serem, na sua maioria, cunhadas em chumbo, à semelhança dos três exemplares conservados no MCM.

A iconografia patente nos tipos destas peças centra-se no mundo marinho, com a representação de diversas embarcações, atuns e golfinhos. O topónimo da cidade, aparece nas legendas monetárias com as seguintes variantes: OSO ou OSSO, ou OSVNBA (nas peças de bronze).





A/ Golfinho à esquerda; R/ Topónimo OSSO.

Divisor , chumbo

Cron: Séc I a. C.

6,56 g — 16,6 mm — 12

N.º Inv: MCM 290

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda

Ref. Gomes (2021), 18.01/CNH 3

Existências no Museu Casa da Moeda: MCM 289 (Gomes, 2021 11.02) e MCM 291 (Gomes, 2021 01.01)

MYRTILIS (Mértola)

Identificada com a atual Mértola, esta cidade de origem turdetana teve prosperidade devido ao seu porto fluvial. Mas, apesar da importância económica deste aglomerado urbano durante o período republicano, atualmente são poucos os vestígios romanos conhecidos que indiciam uma ocupação neste âmbito cronológico.

As emissões de *Myrtilis* podem ser divididas em três blocos, com as legendas: L. AP. DEC e L. AC. MA e as anónimas. As duas personalidades (magistrados?) mencionadas nestas legendas não estão cabalmente identificadas, o que dificulta o estabelecimento de uma cronologia mais precisa. Por outro lado, a interpretação de outros símbolos, como o «A» invertido do anverso, que pode ser uma indicação de valor ou de pertença a um território (já que outras cidades mais a leste também apresentam esta letra).

A iconografia dos tipos monetários privilegia temas agrícolas (espigas) e marinhos (atuns ou golfinhos) que reforçam a importância da atividade portuária no Guadiana.





A/ Espiga à esquerda, acima A invertido, abaixo e entre linhas o topónimo MVRT; R/ Atum à direita, abaixo e entre linhas L1A1DEC.

Quadrante, bronze

Cron: 160-72 a. C.

11,28 g — 24,7 mm — 6

N.º Inv: MCM 270

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda

Ref: MIB 2353 (<https://monedaiberica.org/v5/type/2353>)

Outras existências no Museu Casa da Moeda:

MCM 269 (Ref. MIB 2356 — <https://monedaiberica.org/v5/type/2356>)

MCM 271 (Ref. MIB 18122 — <https://monedaiberica.org/v5/type/18122>)

MCM 11510 (Ref. cf. <https://monedaiberica.org/v5/type/15648>) moeda com legenda retrograda[

SALACIA (Alcácer do Sal)

Localizada em Alcácer do Sal, *Salacia* é a única deste grupo que possui moedas com legendas em outra língua que não o latim. A decifração da escrita indígena do Sudoeste ainda apresenta problemas e, por isso, a interpretação do topónimo antigo da cidade ainda permanece em aberto (Beuibon/Ketovion). Com o domínio romano, a cidade aparece designada como *Urbs Imperatoria Salacia*, sendo um grande centro portuário, como o confirmam os diversos vestígios arqueológicos relacionados com a exploração dos recursos piscatórios e a atividade portuária com grande ligação à região púnica meridional.

A maioria das moedas ostentam os mesmos tipos iconográficos, com a representação de Melqart/Hércules, no anverso, e de dois atuns, acompanhados por legenda toponímica, no reverso. Outros tipos iconográficos incluem golfinhos, hipocampos e espigas. Além disso, diversas emissões apresentam também legendas em latim (no anverso e reverso) que devido à sua diversidade e formato podem ser referentes a magistrados (?) responsáveis pela produção monetária de *Salacia*.





A/ Cabeça de Hércules coberta com pele de leão e porrete sobre o ombro esquerdo, à esquerda; R/ Legenda $\square \Upsilon \Upsilon \Upsilon$, entre dois atuns à direita, e à direita, crescente com ponto central.

Unidade, bronze

Cron.: 170-150 a. C.

16,51 g — 27,8 mm — 12

N.º Inv.: MCM 214

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda

Ref: MIB 969 (<https://monedaiberica.org/v5/type/969>)

Outras existências no Museu Casa da Moeda:

MCM 215 (Ref. MIB 973 — <https://monedaiberica.org/v5/type/973>)

MCM 216 (Ref. RPC I 51ª — <https://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/1/51A>)

MCM 11508 (Ref. MIB 969 — <https://monedaiberica.org/v5/type/969>)

MCM 11509 (Ref. MIB 15163 — <https://monedaiberica.org/v5/type/15163>)

DIPO (Guadajira)

Apesar de a sua localização atual não ser consensual, *Dipo* com uma origem tartéssica, à luz de recentes achados arqueológicos e monetários, poderá localizar-se em Guadajira (Badajoz), relegando-se, assim, as propostas tradicionais, menos fundamentadas, de identificação com Elvas ou Portalegre.

As moedas de *Dipo* possuem um estilo iconográfico nada elaborado, com representação de uma tosca cabeça masculina, no anverso, e uma cornucópia acompanhada de legenda toponímica, no reverso. Devido à incipiente qualidade de produção deste numerário e ao desgaste evidenciado pela grande maioria das peças conhecidas, persistem algumas questões quanto à imagética, discutindo-se se, no anverso, a cabeça masculina portaria um capacete ou se, no reverso, a cornucópia seria antes uma bainha de punhal ou uma aljava.

A significativa irregularidade dos pesos destas moedas e a pouca quantidade de exemplares provenientes de contextos arqueológicos datados, dificulta a sua datação, apontando-se uma cronologia mais lata para a sua produção.





A/ Cabeça masculina à esquerda, dentro de uma coroa de louros;
R/ Cornucópia à direita, dentro de uma coroa de louros.

Asse, bronze

Cron: 90-40 a. C.

15,42 g — 32,1 mm — 10

N.º Inv: MCM 22389

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda

Ref. MIB 2496 (<https://monedaiberica.org/v5/type/2496>)

Existência no Museu Casa da Moeda: MCM 285
(Ref. MIB 2496 — <https://monedaiberica.org/v5/type/2496>)

BRUTOBRIGA (Badajoz)

Possivelmente, a cidade de *Brutobriga* será uma fundação relacionada com a presença do general Décimo Júnio Bruto na *Hispania*, datada, de 138 a. C. A sua localização também levanta muitas incertezas, mas achados arqueológicos recentes poderão apontar para o Cerro de Botija (Badajoz), hipótese que não será compatível com textos de Estrabão que localiza a cidade entre os rios Tejo e Guadiana, que fundamentou a tradicional localização em Santarém.

A produção de moeda em *Brutobriga* parece confinar-se apenas a uma emissão de unidades em bronze (asses), estando identificadas duas variedades estilísticas claras. No anverso, estes asses apresentam uma cabeça masculina desconhecida e a legenda «T. Manlius T. F. Sergia(anus?)»; enquanto no reverso, representa-se um barco e um peixe com o topónimo. A datação destas moedas também é problemática, adotando-se, de momento, uma cronologia entre 90-40 a. C.

Considerando a hipótese de *Brutobriga* se poder localizar entre Santarém e Badajoz, ambas em zonas do interior, apesar do contacto com os rios Tejo e Guadiana, respetivamente, é um pouco surpreendente a escolha de um barco e um peixe, como tipo de reverso.





A/ Cabeça masculina à esquerda com legenda ao redor «T. MANLIVS T. F. SERGIA»; R/ Embarcação com casco alto e encurvado à direita; em baixo. peixe à direita; em volta, «BRVTOBRIGA».

Asse, bronze

Cron.: 90-40 a. C.

13,62 g — 28,4 mm — 12

N.º Inv.: MCM 26744

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda

Ref. MIB 2482 (<https://monedaiberica.org/v5/type/2482>)

EBORA (Évora)

A cidade de *Liberalitas Iulia Ebora* apresenta importantes testemunhos da ocupação romana, como o templo do fórum, consagrado ao culto imperial, as termas, além de diversas estruturas habitacionais e várias descobertas em escavações arqueológicas. A maioria destes vestígios arqueológicos datam do período imperial, talvez, em resultado da sua promoção ao estatuto de *municipium* sob o governo de Augusto.

Ebora cunhou apenas duas denominações, datadas do reinado do *Princeps*, aqui ilustradas:

- O dupôndio, que apresenta, no anverso, a cabeça de Augusto com uma titulatura, onde se regista a permissão do imperador para a cidade produzir moeda e, no reverso, diversos objetos litúrgicos e a legenda toponímica da cidade.





A/ Cabeça desnuda de Augusto à esquerda com legenda ao redor «PERMISSV CAESARIS AVGVSTI PM»;
R/ Pátera, aspergillum, jarro, simpulum e faca com legenda ao redor «LIBERALITATIS IVL EBOR».

Dupôndio, bronze

Cron.: 12 a. C.

13,62 g — 28,4 mm — 12

N.º Inv.: MCM 394

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda

Ref. RPC I 50 (<https://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/1/50>)

EBORA (Évora)

Ebora cunhou apenas duas denominações, datadas do reinado do *Princeps*, aqui ilustradas:

- O asse, que ostenta, no anverso, a cabeça de Augusto com a legenda abreviada indicando a permissão imperial para a cidade produzir moedas e, no reverso, o topónimo completo, em quatro linhas (ou menos), dentro de uma coroa de louros.

A cronologia destas emissões será de 12 a. C., ano em que Augusto recebeu o título *Pontifex Maximus* que consta na legenda do anverso pela abreviatura PM.





A/ Cabeça desnuda de Augusto à esquerda com legenda ao redor «PERM CAES AVG PM»; R/ Legenda «LIBERALITATIS IVLIAE EBOR», dentro de uma coroa de louros.

Asse, bronze

Cron.: 12 a. C.

10,75 g — 26 mm — 6

N.º Inv.: MCM 11505

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda

Ref. RPC I 51 (<https://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/1/51>)

Existências no Museu Casa da Moeda: MCM 395, MCM 396, MCM 11506, MCM 11507, MCM 23564 (Ref. RPC I 51 — <https://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/1/51>)

EMISSÕES DA CAETRA

Comummente designadas por moedas da *caetra*, devido à representação do típico escudo redondo (*caetra*) no seu reverso, tais emissões ocorreram sob Augusto, no final das guerras cantábricas, quando terminou oficialmente a conquista definitiva de todo o território peninsular.

Mesmo apresentando tipos de anverso e reverso similares, é possível diferenciar duas séries distintas com cronologias muito próximas:

- As emissões oficiais de que se lavraram sestércios, dupôndios e asses, desconhecendo-se se provêm de uma casa da moeda itinerante com o exército ou de uma fixa, porventura, na área de Lugo;
- As emissões que copiam os asses oficiais, com uma arte mais tosca, apresentando alguma variedade no desenho do tipo do anverso, que, estilisticamente, se aproxima a algumas produções ibéricas, como por exemplo, de *Clounioq* (Burgos).



Dupôndio, bronze

Nº Inv.: MCM 415

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda



Asse, bronze

Nº Inv.: MCM 417

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda

EMISSÕES DA CAETRA

A cronologia de ambas emissões são muito próximas, sendo as oficiais posteriores a 19 a. C. e as imitações um pouco mais recentes.

O sestércio é a denominação de maior valor na série oficial. Esta moeda equivalia a dois dupôndios ou a quatro asses. Há registo de apenas três exemplares. Um deles foi encontrado em escavações arqueológicas na Colina da Cividade, em Braga. É esse o exemplar aqui ilustrado. Embora a peça não pertença à coleção do MCM, é apresentada para permitir a observação de todas as denominações desta cunhagem imperial.





A/ Cabeça desnuda de Augustoà; na frente palma e atrás caduceu alado com legenda ao redor, «IMP AVG DIVI F»; R/ Escudo redondo com umbo central, rodeado por motivo geométrico com quatro setores circulares, também envolvidos, por sua vez, por duas séries de pequenos círculos com pontos centrais, rematado por uma cercadura de linhas verticais.

Sestércio, bronze

37,3 g — 36 mm

N.º Inv.: MDDS 2005.0462

Coleção Museu D Diogo de Sousa

Ref. RPC I 1 (<https://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/1/1>)

EMISSÕES DA CAETRA

O dupôndio apresenta um anverso igual ao do sestércio e do asse. A principal diferença encontra-se no reverso, pois nesta face a *caetra* surge sobreposta por duas lanças verticais ao centro e é ladeada por uma adaga à esquerda e por uma falcata à direita. A adaga é uma arma curta de lâmina larga, enquanto a falcata é uma lâmina mais comprida e curva muito usada pelos povos hispânicos. A presença de um escudo e arma de uso típico dos povos autóctones nesta moeda imperial é um símbolo da conquista romana assim como valorização dos povos locais e da sua resistência.

Esta denominação tinha um valor de dois asses, apresentando um diâmetro inferior e pesando cerca de metade do sestércio.





A/ Cabeça desnuda de Augusto à esquerda; na frente palma; atrás caduceu alado com legenda ao redor, «IMP AVG DIVI F»; R/ Escudo redondo com duas lanças verticais no centro e adaga e falcata, à esquerda e à direita, respetivamente.

Dupôndio, bronze

19,38 g — 29 mm — 2

N.º Inv.: MCM 11514

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda

Ref. RPC I 2 (<https://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/1/2>)

Existências no Museu Casa da Moeda: MCM 415, MCM 11511, MCM 11512, MCM 11513 (Ref. RPC I 2 — <https://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/1/2>)

EMISSÕES DA CAETRA

O asse tem um tipo de anverso igual ao sestércio e ao dupôndio, diferenciando-se no tipo de reverso, onde está representada apenas a *caetra* na sua forma mais simples: um escudo redondo com umbo central, rodeado por um motivo geométrico com quatro setores circulares. No anverso destas emissões, junto ao busto de Augusto, aparecem uma palma à esquerda, como indicativo da paz, e um caduceu alado à direita que representa a Pax Romana, e, portanto, ambos são representativos do fim das guerras no Noroeste e a submissão definitiva destes povos e o início de um período de paz com a fundação do Império.

Sendo a menor denominação, o asse apresenta um diâmetro inferior e pesa cerca de metade do dupôndio e um quarto do sestércio. Como se referiu, para além do asse oficial existem asses de imitação. O primeiro desses é de maior qualidade estilística e de produção, como se pode observar aqui.





A/ Cabeça desnuda de Augusto à esquerda; na frente, palma; atrás, caduceu alado; legenda ao redor, «IMP AVG DIVI F»; R/ Escudo redondo com umbo central, rodeado por motivo geométrico com quatro setores circulares.

Asse, bronze

8,14 g — 23,9 mm

N.º Inv.: MCM 11520

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda

Ref. RPC I 3 (<https://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/1/3>)

Existências no Museu Casa da Moeda: MCM 11519, MCM 11522, MCM 11523, MCM 417 (Ref. RPC I 3 — <https://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/1/3>)

EMISSÕES DA CAETRA

Os asses de imitação copiam grosseiramente os tipos de anverso e reverso das moedas oficiais, já referidas. São de pior qualidade estilística e de fabrico como se pode verificar nesta moeda. O estilo inferior das imitações é bem visível na tosca figuração da cabeça do imperador Augusto, patente no anverso, especialmente no desenho do nariz, da orelha e do pescoço. Nas moedas oficiais, pelo contrário, a qualidade artística é rigorosa e idêntica, quer em asses, dupôndios ou sestércios.





A/ Cabeça desnuda de Augusto à esquerda; na frente, palma; atrás, caduceu alado; legenda ao redor, «IMP AVG DIVI F»; R/ Escudo redondo com umbo central, rodeado por motivo geométrico com quatro setores circulares e rematado por cercadura de dois círculos unidos por curtos traços radiais.

Asse, bronze

12,43 g — 30,8 mm

N.º Inv.: MCM 11515

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda

Ref. RPC I 4 (<https://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/1/4>)

Existências no Museu Casa da Moeda: MCM 11516, MCM 11517, MCM 11518, MCM 11521, MCM 416 (Ref. RPC I 4 — <https://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/1/4>)

EMISSÕES DA CAETRA

Apresentamos aqui três asses de imitação pertencentes à coleção do Museu Casa da Moeda. Nestas moedas, é possível notar diferenças evidentes no tratamento do busto. Estas variações visuais sugerem a existência de várias oficinas dedicadas à produção deste numerário não oficial. O primeiro exemplar possui um busto mais largo e com mais detalhes; o segundo possui um busto mais estreito e com menos detalhes; o terceiro possui um busto ainda mais esquemático e com menos detalhes. De realçar, contudo, que o reverso dos três exemplares não possui grandes diferenças no desenho da *caetra*.





N.º Inv.: MCM 11515
Coleção INCM,
Museu Casa da Moeda



N.º Inv.: MCM 11516
Coleção INCM,
Museu Casa da Moeda



N.º Inv.: MCM 11518
Coleção INCM,
Museu Casa da Moeda

CONCLUINDO...

A produção monetária das cidades da fachada atlântica peninsular constitui um indicador direto do processo de romanização, refletindo de forma material a integração progressiva destes territórios na esfera de influência romana. As emissões surgem primeiro na região sul, onde o contacto com Roma ocorreu mais cedo, e expandem-se gradualmente para norte, acompanhando o avanço militar e administrativo. No Noroeste, zona final da conquista Romana da Hispânia, as emissões da *caetra* sob Augusto são testemunho dessa submissão militar.

Essas moedas, feitas principalmente em ligas de bronze, mas também em chumbo, eram destinadas ao comércio de baixo valor e ao uso local pela população indígena romanizada que começava a adotar os hábitos romanos. Diferenciam-se, assim, das emissões romanas de prata que circulavam principalmente para pagamentos militares e operações de maior escala. O quadro que emerge é o de um sistema monetário complementar, em que oficinas locais supriam a procura miúda enquanto a moeda oficial assegurava os fluxos de maior valor.





Asse, cobre, Salacia

N.º Inv.: MCM 215

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda

CONCLUINDO...

A iconografia das moedas demonstra uma forte marca de identidade regional. Diversas cidades privilegiam motivos marinhos que remetem para economias portuárias, a exploração piscatória e de redes comerciais fluviais e marítimas. Outros tipos destacam símbolos agrícolas ou divindades locais, refletindo especificidades económicas e culturais. As diferenças de estilo e execução indicam igualmente oficinas com pouca proficiência artística e técnica, reforçando o carácter local destas produções.

É exatamente por isso que os pesos são irregulares e a iconografia tem uma relação direta com as produções agrícolas, piscatórias e o comércio, pois seriam, então, as atividades tradicionais dos povos hispânicos, sendo possível identificar as moedas pela sua iconografia e pelo nome da cidade que muitas vezes está presente.





Divisor, chumbo, Ossonoba

N.º Inv.: MCM 291

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda

CONCLUINDO...

O conjunto apresentado evidencia ainda que nem todos os centros emissores estão igualmente bem conhecidos, evidenciando a numismática como disciplina de investigação. Existem cidades cuja localização permanece em debate e séries cuja cronologia só pode ser definida por intervalos largos, devido à escassez de contextos arqueológicos fechados, à baixa qualidade de gravação e ao desgaste acentuado das peças. Em vários casos, as moedas constituem o principal, ou único indicador material desses centros.

A coleção numismática do Museu Casa da Moeda assume neste contexto um valor patrimonial e científico relevante não apenas pela representatividade de sete dos treze centros emissores atlânticos identificados, mas também enquanto coleção clássica em Portugal, iniciada ainda no século XIX. Esta exposição digital torna-se, assim, essencial para dar visibilidade a este conjunto, permitindo apresentar, contextualizar e comparar peças raras e tipologicamente significativas, e aproximar o público de um património que, de outro modo, permaneceria reservado sobretudo à investigação especializada.





Asse, cobre, Myrtilis

N.º Inv.: MCM 269

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda



Asse, cobre, Salacia

N.º Inv.: MCM 216

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda



Dupôndio, cobre, Caetra

N.º Inv.: MCM 415

Coleção INCM, Museu Casa da Moeda

GLOSSÁRIO

Asse — Denominação em cobre/bronze com valor de $\frac{1}{10}$ denário (moeda de prata) ou $\frac{1}{16}$ denário após a reforma de Augusto.

Casa da Moeda — Local onde se produzia moeda; por vezes funcionava com mais de uma oficina.

Divisor — Denominação divisionária da unidade com pesos diversos.

Dupôndio — Denominação em bronze/latão com valor de $\frac{1}{2}$ sestércio ou 2 asses.

Quadrante — Denominação em cobre com valor de $\frac{1}{4}$ do asse.

Sestércio — Denominação em bronze/latão com valor de 4 asses ou 2 dupôndios, segundo o sistema monetário de Augusto; no período republicano era de prata e tinha um valor de 2,5 asses.

Unidade — Denominação similar ao asse, mas por vezes com peso discordante.

FICHA TÉCNICA

Organização:

Alice Baeta

Rui Centeno

Museu Casa da Moeda, INCM

Curadoria:

Alice Baeta e Rui Centeno

Acervo / Peças em Exposição:

Museu Casa da Moeda, INCM

Design:

Museu Casa da Moeda, INCM

Exposição realizada no âmbito do V Encontro Peninsular de Numismática Antiga, organizado pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pelo Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e pela Sociedade Portuguesa de Numismática, no Porto, entre os dias 9 e 11 de abril de 2026.



Sociedade Portuguesa de Numismática
Fundada em 1952



<https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025>



UID/04059/2025

